



PERFIL DOS TREINADORES QUE ATUAM EM COMPETIÇÕES DE BASE DA LIGA METROPOLITANA DE FUTSAL DE LONDRINA

PROFILE OF COACHES WHO WORK IN YOUTH COMPETITIONS OF THE LONDRINA METROPOLITAN FUTSAL LEAGUE

PERFIL DE LOS ENTRENADORES QUE TRABAJAN EM LAS COMPETICIONES JUVENILES DE LA LIGA METROPOLITANA DE FUTSAL DE LONDRINA

Wilton Carlos de Santana • Higor Douglas Venâncio da Silva • Rafael Rodrigues

Resumo

Este estudo investigou o perfil de treinadores(as) que atuam em competições de base da Liga Metropolitana de Futsal de Londrina. Participaram 30 treinadores, com idade média de 34,8 anos, que responderam um formulário com 24 questões sobre características pessoais, formação e atuação profissional. Os resultados indicaram a predominância de homens, acima de 30 anos, brancos, ex-atletas, formados em Educação Física, com especialização *lato sensu* e mais de cinco anos de experiência. A maioria atua sem contrato de trabalho por tempo indeterminado, recebe entre um e três salários mínimos e tem o futsal como principal fonte de renda. As principais preferências formativas incluem vivência profissional, troca com treinadores experientes, observação de competições e estudos independentes, enquanto cursos de federações e eventos similares foram considerados indiferentes. Espera-se que os achados contribuam para compreender as relações que impactam essa profissão e que isso possa desencadear iniciativas para suprir possíveis lacunas.

Palavras-chave: Treinador; Futsal; Formação; Categorias de Base.

Abstract

This study investigated the profile of coaches working in youth competitions of the Metropolitan Futsal League of Londrina. Thirty coaches participated, with a mean age of 34.8 years, who answered a questionnaire containing 24 questions about personal characteristics, academic background, professional experience, and training preferences. The results indicated a predominance of men, over 30 years old, white, former athletes, graduates in Physical Education, holding a *lato sensu* postgraduate degree, and with more than five years of experience. Most work without a permanent employment contract, earn between one and three minimum wages, and have futsal as their main source of income. The main training preferences include professional experience, exchange with experienced coaches, observation of competitions, and independent study, while federation courses and similar events were considered indifferent. It is expected that the findings will contribute to understanding the relationships that impact this profession and may trigger initiatives to address potential gaps.

Keywords: Coach; Futsal; Training; Youth Categories.

Resumen

Este estudio investigó el perfil de los entrenadores que trabajan en competiciones juveniles en la Liga Metropolitana de Futsal de Londrina. Treinta entrenadores, edad promedio de 34,8 años, completaron un cuestionario con 24 preguntas sobre características personales, formación académica, experiencia profesional y preferencias educativas. Los resultados indicaron un predominio de hombres, mayores de 30 años, blancos, exatletas, con títulos en Educación Física, especializaciones y más de cinco años de experiencia. La mayoría trabaja sin contrato permanente, gana entre uno y tres salarios mínimos y tiene el futsal como su principal fuente de ingresos. Sus principales preferencias educativas incluyen la experiencia profesional, la interacción con entrenadores experimentados, la observación de competiciones y el estudio independiente, mientras que los cursos de la federación y eventos similares se consideraron indiferentes. Se espera que los hallazgos contribuyan a la comprensión de las relaciones que impactan esta profesión e impulsen iniciativas para llenar posibles brechas.

Palabras clave: Entrenador; Fútbol Sala; Entrenamiento; Categorías Juveniles.





INTRODUÇÃO

O treinador esportivo ocupa posição central na organização e desenvolvimento das práticas esportivas, impactando diretamente no processo de formação humana e desportiva. Neste sentido, a gestão que o treinador faz dos treinos e da competição, independentemente de ser realizada na formação esportiva ou no alto rendimento, é avaliada continuamente por agentes socializadores, como pais, diretores e mídia, distinguindo esse profissional de outros que trabalham com o ensino (Ibáñez *et al.*, 2013). Por conta dessa exponente exposição social, por influenciar o desenvolvimento de atletas na esfera dos resultados, como vitórias e derrotas, e por impactar na dimensão do desempenho individual, na autoestima, motivação e satisfação (Côté; Gilbert, 2009), o treinador deve reunir um conjunto de conhecimentos e competências que vai além da sua área de intervenção específica (conhecimento profissional), incorporando o modo como se relaciona com as pessoas que estão no seu entorno (conhecimento interpessoal) e a sua capacidade de introspecção (conhecimento intrapessoal) (Milistetd *et al.*, 2017). Ou seja, “tudo importa” para o treinador: os aspectos metodológicos, a natureza das relações que estabelece com os jogadores, com seus pares, pais, árbitros, dirigentes e a sua capacidade de reflexão sobre a sua prática e o seu entorno (Côté; Turnidge; Evans, 2014; Simarelli *et al.*, 2022).

Esse cenário tem deflagrado mudanças na preparação profissional ao longo dos anos, reconhecendo o treinador como aprendiz, em contínua atualização. Os estudos sobre a aprendizagem e desenvolvimento profissional de treinadores, destacam que o conhecimento que sustenta a prática emerge de diferentes fontes de experiência ao longo da trajetória do indivíduo (Cushion; Armour; Jones, 2003; Nelson; Cushion; Potrac, 2006; Mesquita *et al.*, 2014). Nesse sentido, universidades, federações esportivas e organizações nacionais de esporte têm se responsabilizado pela preparação de treinadores em vários países (ICCE, 2013).

No Brasil, além da formação universitária, reconhecida como uma das principais vias de preparação dos treinadores (Milistetd *et al.*, 2014; Milistetd *et al.*, 2015), há iniciativas de algumas federações e confederações de diferentes modalidades que almejam impactar a aprendizagem profissional, como o Comitê Olímpico Brasileiro, a Confederação Brasileira de Futebol, a Confederação Brasileira de Voleibol, a Confederação Brasileira de Futsal, a Federação Catarinense de Futebol, a Federação Paulista de Futsal, etc., que oferecem cursos de capacitação ou de atualização, muitas vezes exigidos como licenças para a atuação na modalidade, seja no âmbito estadual e/ou nacional, apresentando possibilidades de formação formal e informal aos treinadores.





No modelo proposto por Nelson, Cushion e Potrac (2006), a formação formal refere-se a cursos institucionalizados e certificações; a formação não formal envolve clínicas, workshops e programas específicos organizados por federações e entidades esportivas; e a formação informal diz respeito às experiências cotidianas, interações sociais, observações e reflexões sobre a prática. Evidências indicam que, embora os processos formais sejam importantes, a aprendizagem informal tende a exercer maior impacto na consolidação do conhecimento profissional do treinador.

Paralelamente à discussão sobre formação, estudos como o de Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) têm enfatizado a influência das trajetórias pessoais e das relações de interdependência na construção da identidade profissional do treinador. A partir do estudo compreende-se que o treinador se constitui nas redes de relações e experiências estabelecidas ao longo de sua vida, sendo simultaneamente influenciado por contextos sociais, culturais e institucionais. Assim, características pessoais como gênero, etnia, experiências prévias como atleta e origem social não são variáveis neutras, mas elementos estruturantes da trajetória profissional.

Ainda que de forma incipiente, outros estudos têm retratado a trajetória de treinadores, isto é, revelado a sua biografia e diferentes condições de trabalho, de modo a configurar certo perfil profissional, o que seria relevante para identificar possíveis fragilidades e potencialidades da categoria. Santos Junior *et al.* (2023) reportaram que a maioria dos treinadores(as) vinculados às Associações Atléticas da Universidade Federal de Goiás é constituída de homens, ex-atletas e no início da carreira ou em processo de formação; grande parte é formada em Educação Física, mas atua sem contrato de trabalho e não tem a profissão de treinador(a) como principal fonte de renda. Bomfim (2015) traçou o perfil de quatro treinadores de categoria de base que participavam do Campeonato Infantil Litoral da Grande Florianópolis. Constatou uma idade média de 32 anos, sendo dois daqueles com mestrado em educação física, outro graduado e um provisionado. Os treinadores declararam que se mantinham atualizados com cursos e congressos de futebol e apenas um havia sido jogador profissional.

O crescimento de investigações sobre formação e atuação de treinadores (Cushion; Armour; Jones, 2003; Cunha *et al.*, 2010; Benites; Barbieri; Souza Neto, 2004), estudos que articulem de forma integrada características pessoais, percursos formativos e condições concretas de trabalho no futebol de base brasileiro, tem sido importante para aprofundar o conhecimento sobre a formação de treinadores. Porém, a literatura ainda apresenta limitações importantes quando se trata da análise integrada entre características pessoais, processos formativos e condições de atuação profissional. Grande parte dos





estudos tende a privilegiar apenas um desses eixos, desconsiderando que o desenvolvimento do treinador é resultado de interdependências entre dimensões biográficas, sociais e estruturais.

No contexto brasileiro, essa lacuna torna-se ainda mais evidente, pois a trajetória histórica da formação em Educação Física evidencia transformações curriculares e disputas no campo profissional que impactaram diretamente o perfil e a atuação dos treinadores (Souza Neto *et al.*, 2004). Entretanto, ainda são escassas as investigações empíricas que examinem como essas transformações se articulam com características pessoais (como gênero e raça/cor) e com as condições concretas de inserção profissional no futebol e no futsal de base (instabilidade contratual, múltiplas funções e precarização do trabalho). Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de produzir evidências empíricas que articulem dimensões pessoais, formativas e profissionais, contribuindo para o fortalecimento do debate científico sobre o desenvolvimento profissional de treinadores no contexto brasileiro.

O presente estudo tem o objetivo de retratar o perfil profissional de treinadores que atuam em competições de categorias menores (base) promovidas pela Liga Metropolitana de Futsal de Londrina, que conta com 22 clubes e associações, envolvendo cerca de 1000 esportistas jovens, desde a iniciação (sub-7) até a especialização (sub-17), totalizando 157 equipes distribuídas em campeonatos de níveis distintos: 1ª divisão (Ouro), 2ª divisão (Prata) e Copa Kids (iniciantes). O perfil será construído a partir de três fatores: características pessoais (gênero, raça/cor, trajetória esportiva, idade), formação profissional (formal, não formal e informal) e atuação profissional (contexto de trabalho, tempo de experiência).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Caracterização do estudo e participantes

Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa, de caráter descritivo exploratório, que tem o objetivo principal de caracterizar as variáveis envolvidas em um determinado fenômeno (Gaya *et al.*, 2008), no caso, foi caracterizar o perfil profissional de treinadores que atuam em competições de base organizadas pela Liga Metropolitana de Futsal de Londrina.

O estudo contou com 30 treinadores(as) (44,12%) de um total de 68 contatados, todos vinculados a clubes e associações que atuam nas competições de base promovidas pela Liga Metropolitana de Futsal de Londrina. Para a seleção dos participantes, optou-se pela amostragem não probabilística intencional, a partir de dois critérios: a) ter participado como treinador(a) de pelo menos um campeonato





promovido pela Liga Metropolitana no ano de 2022; b) ter interesse e disponibilidade em participar do estudo.

Coleta e Análise de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, adaptado de Santos Junior *et al.* (2023), com 24 questões que abordavam características pessoais, formação profissional e atuação profissional.

O instrumento foi elaborado com base em uma matriz analítica que contemplou diferentes categorias, incluindo dados de categorização (raça/etnia, idade e gênero), contextos de aprendizagem (formação acadêmica, experiências em estágio, participação em projetos e experiência como atleta), atuação profissional (tempo de experiência, vínculo de trabalho, remuneração e equipe técnica) e situações de aprendizagem relacionadas às preferências formativas. As questões foram predominantemente fechadas e de múltipla escolha, incluindo itens categóricos e uma escala *Likert* de cinco pontos (1 = pouquíssima importância a 5 = muitíssima importância), utilizada para mensurar a percepção dos treinadores acerca das diferentes fontes de aprendizagem profissional.

Inicialmente, foi solicitada autorização formal à Liga Metropolitana de Futsal de Londrina para acesso aos participantes. A coleta de dados foi realizada de forma online, por meio da plataforma Google Formulários. O processo de coleta ocorreu em três etapas de contato com os treinadores: a primeira entre os dias 10 e 24 de março de 2023, a segunda entre 27 de março e 2 de abril de 2023, e a terceira entre 3 e 10 de abril de 2023, com o objetivo de ampliar a taxa de resposta. Os participantes responderam ao questionário de forma voluntária, individual e em ambiente não controlado.

A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas, médias e distribuição percentual das respostas. Os resultados foram organizados em tabelas, considerando as dimensões investigadas, com o objetivo de sintetizar e descrever as características do grupo estudado.

Aspectos Legais

Os propósitos do estudo foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP-UEL), número do Parecer: 5.967.515. Para os treinadores foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).





RESULTADOS

A partir dos dados foi traçado o perfil do(as) treinadores(as) que disputam competições de base da Liga Metropolitana de Futsal de Londrina baseado nas características pessoais, formação profissional e atuação profissional.

Características Pessoais

A tabela 1 indica que a maioria dos treinadores se autodeclararam homens cisgênero (93,33%), com predominância de indivíduos brancos (50%), seguidos de pardos (30%) e pretos (16,67). Os treinadores apresentam uma idade média de 34,8 anos, com maior concentração na faixa etária entre 31 e 42 anos, representando (56,67%).

Tabela 1 – Características pessoais dos(as) treinadores(as)

Cor/raça	n°	Percentual
Branca	15	50,00
Preta	5	16,67
Parda	9	30,00
Amarela	1	3,33
Gênero	n°	Percentual
Homem cisgênero	28	93,33
Mulher cisgênera	1	3,33
SR*	1	3,33
Idade	n°	Percentual
19-24	4	13,33
25-30	4	13,33
31-36	9	30,00
37-42	8	26,67
43-48	4	13,33
55-60	1	3,33

Fonte: construção dos autores.

Formação profissional

De acordo com a tabela 2, a maioria dos treinadores possuem ensino superior completo (27 de 30), majoritariamente em Educação Física Licenciatura Plena (Bacharelado e Licenciatura - 53,33%). Verificou-se que a maior parte concluiu programas na especialização Lato Sensu (56,67%).





Tabela 2 – Escolaridade dos treinadores(as)

Escolaridade	n°	Percentual
Superior Incompleto em Educação Física [Bacharelado]	3	10,00
Superior completo em Educação Física [Licenciatura]	2	6,67
Superior completo em Educação Física [Bacharelado]	7	23,33
Superior completo em Educação Física [Bacharelado e Licenciatura]	16	53,33
Superior completo em Esporte	1	3,33
Superior completo em Gestão Pública	1	3,33
Pós-graduação	n°	Percentual
Lato Sensu	17	56,67
Stricto Sensu – Mestrado	1	3,33
Não tenho pós-graduação	11	36,67
SR*	1	3,33

Legenda: *SR= sem resposta.

Fonte: construção dos autores.

No que se refere aos contextos de aprendizagem, observa-se na tabela 3 maior participação em experiências práticas durante a graduação, como estágios obrigatórios (53,33%) e não obrigatórios (46,67%), enquanto a inserção em projetos de pesquisa foi significativamente menor (20%).

Tabela 3 – Formação profissional no contexto da graduação em Educação Física

Contexto	Sim	Não	SR*	Atividades desenvolvidas
Estágio obrigatório	53,33%	46,67%	0,00%	Treinador de futebol, futsal e basquete
Estágio não obrigatório	46,67%	50,00%	3,33%	Treinador de futebol, futsal e voleibol
Projetos de ensino/ treinamento	43,33%	53,33%	3,33%	Projeto de extensão de natação, ginástica rítmica e futsal
Projetos de pesquisa	20,00%	73,33%	6,67%	Clínicas para treinadores(as), cursos e workshops

Legenda: *SR= sem resposta.

Fonte: construção dos autores.

Foram analisados também outros contextos de aprendizagem, além do contexto de Ensino Superior. Nota-se na tabela 4, que a maioria dos treinadores relatou experiência prévia como atleta (80%), ao passo que apenas 30% dos avaliados participaram de formações ofertadas por federações ou confederações.





Tabela 4 – Formação e experiência em outros contextos

Contextos	Sim	Não	Atividades desenvolvidas
Formação federações/confederações	30,00%	70,00%	Curso de arbitragem, clínica de formação de treinadores(as) e workshops
Experiência como atleta	80,00%	20,00%	Futsal, futebol, futevôlei, voleibol, basquete, handebol e natação

Fonte: construção dos autores.

No que diz respeito às preferências formativas, foi solicitado aos treinadores(as) que atribuísem notas de 1 a 5 do grau de importância em escala *Likert* em que 1=pouquíssima importância, 2=pouca importância, 3=indiferente, 4=muita importância e 5=muitíssima importância para diversas fontes de conhecimento. De acordo com a tabela 5, seis das onze preferências obtiveram média superior a 4 indicando muita importância, entre estas a “Vivência profissional como treinador(a)” e a “Observação de competições nacionais/internacionais”, enquanto o “Nível de prática como atleta” e “Cursos ofertados pela federação/confederação” tiveram a menor média de importância.

Tabela 5 – Preferências formativas

Preferências	1	2	3	4	5	MÉDIA
Vivência profissional como treinador(a)	3,33%	6,67%	6,67%	26,67%	56,67%	4,27
Observação de competições nacionais/internacionais	3,33%	3,33%	10,00%	30,00%	53,33%	4,27
Compartilhamento de informações/trabalho com treinadores(as) experientes	3,33%	3,33%	6,67%	40,00%	46,67%	4,23
Especialização	3,33%	3,33%	10,00%	30,00%	46,67%	4,21
Estudos independentes (autônomos)	6,67%	-	10,00%	33,33%	50,00%	4,20
Formação universitária	3,33%	10,00%	6,67%	26,67%	53,33%	4,17
Seminários/Workshops/Clínicas	3,33%	16,67%	13,33%	26,67%	33,33%	3,75
Experiência como praticante (anos de prática)	3,33%	16,67%	20,00%	40,00%	20,00%	3,57
Estágio obrigatório	20,00%	3,33%	16,67%	40,00%	20,00%	3,37
Nível de prática como atleta	10,00%	13,33%	26,67%	26,67%	16,67%	3,29
Cursos ofertados pela Federação/Confederação	6,67%	23,33%	23,33%	16,67%	23,33%	3,29

Fonte: construção dos autores





Atuação Profissional

Em relação à atuação profissional, observou-se na tabela 6 que a maior concentração do tempo de experiência está entre 5 e 10 anos, representando (46,67%).

Tabela 6 – Tempo de experiência como treinador(a)

Tempo de experiência	Quantidade	Percentual
Até 1 ano	1	3,33
De 1 a 2 anos	1	3,33
De 2 a 3 anos	3	10,00
De 5 a 10 anos	14	46,67
De 10 a 20 anos	5	16,67
Acima de 20 anos	4	13,33
SR*	2	6,67

Legenda: *SR= sem resposta.

Fonte: construção dos autores.

Os resultados mostram que a maior parte dos treinadores conta com uma equipe técnica de suporte às suas atividades (60%), com ênfase na função de auxiliar técnico (83%), conforme dados expostos na tabela 7.

Tabela 7 – Suporte de uma Equipe Técnica nas atividades como treinador(a)

Suporte	Quantidade	%	
Equipe técnica	Possui equipe	18	60,00
	Não possui	12	40,00
Principais profissionais da equipe	Auxiliar técnico	15	83,33
	Preparador físico	2	11,11
	Psicólogo	2	11,11
	Coordenador	2	11,11
	Outros	2	11,11

Fonte: construção dos autores

Como exposto na Tabela 8, a menor parte dos treinadores (33,33%) atua com contrato de trabalho por tempo indeterminado, sendo que os demais (66,66%) atuam de forma autônoma, voluntária e, inclusive, em alguns casos, sem remuneração. A respeito da remuneração, a maioria (53,33%) recebe um salário fixo e uma parte declara não receber salário (16,67%).





A tabela 8 mostra também que a maior parte dos treinadores tem como principal fonte de renda os valores recebidos dos serviços prestados como treinador de futsal, com mais da metade dos treinadores percebendo entre um e três salários mínimos. O parâmetro do salário mínimo usado foi de R\$ 1.302,00.

Tabela 8 – Vínculo de trabalho, tipo de remuneração, faixa de renda mensal e principal fonte de renda

Condições de trabalho		n	%
Vínculo de trabalho	Trabalho autônomo	10	33,33
	Contrato por tempo indeterminado	10	33,33
	Contrato por tempo determinado	4	13,33
	Voluntário	3	10,00
	Outros	1	3,33
	SR	2	6,67
Tipo de remuneração	Remuneração fixa	16	53,33
	Remuneração variável	9	30,00
	Não recebe	5	16,67
Faixa de renda mensal	1 a 3 salários mínimos	16	53,33
	Até 1 salário mínimo	2	6,67
	Acima de 3 salários mínimos	7	23,33
	Não recebe	5	16,67
Principal fonte de renda	Sim	17	56,67
	Não	9	30,00
	SR	4	13,33

Fonte: construção dos autores

DISCUSSÃO

Os principais resultados evidenciam que a maioria dos treinadores é formada por homens, acima de 30 anos, brancos, ex-jogadores, com formação superior completa em Educação Física, tendo incluído o futsal no estágio obrigatório, e pós-graduação lato sensu. A menor parte participou de projetos de pesquisa e de formações ofertadas por federações e ou confederações de futsal.

Notou-se uma baixa representatividade feminina, reforçando que, embora haja um aumento de praticantes de futebol (Martins; Delarmelina; Souza, 2023) e de futsal (Martins *et al.*, 2018), os cargos de liderança, como o de treinadora, são pouco ocupados por mulheres. Ferreira *et al.* (2013) expressam que isso está vinculado a um complexo de fatores, como o preconceito, o questionamento de competência





e de liderança, e que a primeira barreira enfrentada seria a falta de oportunidade, uma vez que a gestão esportiva em geral é realizada por homens que contratam outros homens. O estudo de Guimarães, Barreira e Galatti (2023) reforça essa tese, pois desvelou que treinadoras, ao longo de um curso de capacitação para a retirada de uma licença para atuar no futebol, sentiram-se desconfortáveis em ter de provar sua capacidade para ocupar um ambiente de formação profissional, majoritariamente ocupado por homens, evidenciando, ainda, que tiveram de conviver com comentários inadequados, tipificados em falas machistas. Isso levou as autoras a concluir que a ausência de mulheres em cargos de liderança desencoraja as atuais jogadoras da modalidade a trilhar essa trajetória.

Como sugerido por Passero *et al.* (2020), seria central na luta pela igualdade de gênero no futebol e no futsal desenvolver políticas para garantir que as treinadoras tenham acesso a oportunidades de crescimento e que suas competências sejam reconhecidas e que isso teria potencial para refletir na sociedade. Novais *et al.* (2021) entendem que iniciativas dessa natureza passariam pela valorização da competência e tratamento cada vez mais equalitário não somente em relação às treinadoras, mas igualmente às mulheres que exercem outras funções no ambiente esportivo.

No referente ao estudo, a maioria dos treinadores(as) se autodeclarou da cor ou raça branca, convergindo com o maior percentual de brancos do Sul do país, cerca de 72,6% (IBGE, 2022). Por outro lado, constatou-se que a parte que se autodeclarou parda (30%) e preta (16,7%), logo, negra, constitui 46,67%, uma porcentagem superior à média do IBGE, em que a população da região Sul do Brasil se autodeclara como parda (21,7%) e preta (5% preta), portanto, 26,7% negra. Isso é bastante significativo, já que se sabe que, historicamente, a posição de treinador é ocupada, majoritariamente, por pessoas brancas, cabendo aos negros serem liderados.

O fato é o de que se, por um lado, há muitos jogadores profissionais negros, por outro lado pouco se discute a sua presença como treinador, sendo que poucos vencem essa barreira, o que dificultaria o reconhecimento e o respeito que precisam ter para ocupar essa posição (Tonini, 2010). Essa questão coloca em pauta permanência de hierarquias raciais no esporte, nas quais indivíduos negros são associados quase que exclusivamente ao papel de jogadores, enquanto indivíduos brancos ocupam posições de comando e decisão (Rodrigues Filho, 2003). Assim sendo, a menor presença de treinadores negros não pode ser interpretada apenas como resultado de trajetórias individuais, mas deve ser compreendida como expressão de um racismo estrutural que organiza as oportunidades sociais de forma desigual (Almeida, 2019).





Importante pontuar que entre pessoas pretas e pardas em Londrina, o Censo IBGE (2022) indicou 32,4 % da população é negra, o presente estudo encontrou um número de 46,67% de treinadores negros. Embora os dados indiquem uma presença relativamente maior de treinadores negros em relação à média da população, esse avanço deve ser interpretado com cautela, uma vez que não necessariamente representa uma ruptura com estruturas históricas de desigualdade. Pelo contrário, reforça a necessidade de aprofundar investigações sobre os mecanismos que colocam profissionais negros para exercer funções precárias, limitam o acesso, permanência e progressão de profissionais negros em posições de liderança no esporte (Rodrigues Filho, 2003; Helal, 2011).

Constatou-se que a formação acadêmica dos treinadores(as) é, majoritariamente, do curso de Educação Física Licenciatura Plena, ofertada de forma regular até 2005, estando em consonância com a maior concentração etária dos treinadores, de 31 a 42 anos. Com a reformulação curricular orientada pela Lei de Diretrizes e Bases (1996) acontece o surgimento do curso de Educação Física Bacharelado, o que explicaria a segunda maior parcela do tipo de formação dos treinadores. O fato é que o início da formação profissional do(a) treinador(a), atualmente, se dá nos mais de 900 cursos de bacharelado ofertados no Brasil (Milistetd *et al.*, 2017), mesmo existindo uma variação estrutural curricular entre eles. Esses cursos em geral são responsáveis em atender e se adequar às necessidades do contexto das práticas esportivas, a fim de proporcionar um melhor processo inicial de desenvolvimento de treinadores(as) (Santos *et al.*, 2023).

No entanto, a literatura também aponta a existência de uma discrepância entre práticas adotadas no campo e recomendações oriundas dos cursos de educação física e ciência do esporte, sendo muitas vezes as intervenções guiadas por tradição e experiência pessoal. Os estudos observacionais de O'Connor *et al.* (2017) mostram que sessões de treino frequentemente apresentam elevado volume de instrução verbal e períodos de inatividade, o que pode limitar o tempo efetivo de engajamento dos atletas em situações representativas do jogo. Esse cenário reforça a necessidade de discussões que relacionem formação acadêmica, experiência prática e qualidade pedagógica.

Ainda que a maioria de treinadores tenha experiência como atleta, declararam ser “indiferentes” à preferência formativa “experiência como praticante”. Esse achado diverge do encontrado por Santos Junior *et al.* (2023), o qual investigou treinadores de Associações Atléticas Acadêmicas, no qual colocaram que houve uma convergência entre os treinadores: eles possuíam experiência como atletas de diferentes modalidades e atribuíram muita importância ao seu nível de prática como atleta. Por outro





lado, em ambos os casos, verificou-se que os treinadores, revestidos do curso superior em Educação Física, tiveram uma vivência pregressa do contexto esportivo.

Tais resultados, que indicam maior valorização da aprendizagem prática, da troca com outros treinadores e da vivência no contexto real de treino encontram respaldo consistente na literatura. Os estudos de Erickson *et al.* (2008), apontam que treinadores aprendem predominantemente por meio de experiências práticas, interação social e reflexão sobre a própria prática, enquanto programas formais de formação frequentemente não atendem plenamente às suas necessidades. Gilbert *et al.* (2006) em investigações sobre o percurso de treinadores experientes, demonstram que apenas uma pequena parcela do tempo de desenvolvimento profissional é dedicada à educação formal, reforçando a importância de processos de aprendizagem informais e não formais.

De acordo com Jarvis (2015), a aprendizagem do treinador envolve dimensões que extrapolam conteúdos formais e explícitos. Segundo o autor, parte significativa do conhecimento do treinador é de natureza tácita e intuitiva, construída a partir da experiência e nem sempre plenamente consciente ou explicável. Esses achados ajudam a compreender por que cursos ofertados por federações e eventos similares foram percebidos como indiferentes pelos participantes, sugerindo uma possível desconexão entre os conteúdos oferecidos e as demandas reais da prática.

A maior parte dos treinadores possui curso de especialização *lato sensu*, indo ao encontro de uma das preferências formativas que atribuem “muita importância”. Em certa medida isso evidencia que os treinadores buscaram uma complementação acadêmica que pudesse incrementar a formação inicial na graduação, de cunho generalista, que tem como objetivo a aquisição de conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais, constituindo-se base para o desenvolvimento das demais competências exigidas ao longo da vida e da prática profissional (Côté; Gilbert, 2009; Milistetd *et al.*, 2014; Milistetd *et al.*, 2015; Santos *et al.*, 2023).

Além disso, os treinadores reportaram como muito importantes na sua formação a “vivência profissional no cargo”, o “compartilhamento de informações com treinadores experientes”, a “observação de competições” e os “estudos independentes”. Resultados similares foram obtidos por Santos Junior *et al.* (2023). Por outro lado, constatou-se que os cursos ofertados por federações, confederações, workshops, clínicas, seminários se constituem como preferências formativas “indiferentes” para os treinadores, divergindo dos achados de Bonfim (2015), em que os treinadores se mantinham atualizados com esses tipos de eventos. Vale lembrar, nesse sentido, que, em alguns casos, a licença é obrigatória para





a atuação profissional. Essa posição de indiferença dos treinadores contraria a recomendação de que as confederações esportivas e demais instituições formativas são relevantes para o desenvolvimento e ofertas de cursos de aprofundamento nas suas respectivas modalidades (Santos *et al.*, 2023).

Em consonância com os achados de Ciampolini *et al.* (2020) a formação do treinador não ocorre de maneira linear ou exclusivamente por vias formais, mas constitui um processo contínuo, situado e multifatorial. As evidências trazidas pelos autores indicam que o desenvolvimento profissional de treinadores ocorre ao longo da vida, sendo influenciado por experiências acumuladas em um processo dinâmico de aprendizagem ao longo da vida. Neste sentido, Ryou *et al.* (2025) colocam que a aprendizagem do treinador emerge da interação entre sua biografia e o contexto de atuação, sendo constantemente (re)configurada pelas demandas do ambiente de trabalho. Sendo assim, as preferências formativas identificadas neste estudo não devem ser compreendidas apenas como escolhas individuais, mas como respostas adaptativas às exigências do contexto profissional.

Embora o esporte seja uma oportunidade de inserção profissional de treinadores(as) ao campo de trabalho, os achados quanto à atuação profissional deveriam alertar a comunidade investigada, pois os indícios são preocupantes: nem todos os treinadores declararam receber remuneração (16,67%), a maior parte dos treinadores (60%) atua sem contrato de trabalho por tempo indeterminado e percebem entre 01 e 03 salários mínimos (53,33%). Somam-se a isso, ainda, dois fatores: 76,67% dos treinadores são experientes, isto é, acumulam mais de 5 anos de atuação, chegando, em alguns casos, a ter mais de 10 anos, sendo que, para a maioria (56,67%), o futsal é a principal fonte de renda. Resultado muito diferente foi apontado por Santos Junior *et al.* (2023), no qual se tratava de uma maioria de treinadores mais jovens e inexperientes (75,67%), acumulando entre 1 e 5 anos de atuação, sendo que 86,49% declararam não ser a renda principal a remuneração proveniente do treinamento que aplicavam para as Atléticas.

Estes achados devem ser interpretados levando em conta a complexidade do contexto de atuação dos treinadores, especialmente nas categorias de base. Ryou *et al.*, (2025) coloca que o trabalho do treinador se dá em ambientes marcados por múltiplas demandas, por instabilidade e por necessidade constante de adaptação. Assim, compreender o perfil dos treinadores implica reconhecer que suas escolhas formativas e práticas são condicionadas pelas oportunidades e limitações condicionadas pelo ambiente.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontaram que a maioria dos treinadores é formada por homens acima de 30 anos, brancos, ex-atletas, formados em Educação Física e com especialização lato sensu, acumulando mais de 5 anos de atuação, tendo o futsal como principal fonte de renda. No entanto, a maior parte atua sem contrato de trabalho por tempo indeterminado e recebe entre 01 e 03 salários mínimos. A vivência profissional como treinador, a troca de informações com treinadores experientes, a observação de competições e os estudos independentes estão entre as principais preferências formativas, enquanto os cursos ofertados por federações/confederações/workshops/clínicas/seminários/estágios foram reportados como indiferentes.

Espera-se que os achados contribuam para que os treinadores e os dirigentes compreendam as complexas relações profissionais que impactam essa profissão. Há um conjunto de fatores associados, como a baixa representatividade feminina nas competições de base, a precarização do trabalho, pois a maioria atua sem contratos de trabalho por tempo indeterminado, a indiferença reportada pelos treinadores pelas diferentes formas de atualização e capacitação profissional, como cursos ofertados, indicam fragilidades e a oportunidade de despertar e desencadear iniciativas para suprir tais lacunas.

Apresentam-se implicações relevantes ao evidenciar elementos estruturais da formação e atuação de treinadores, especialmente no que se refere à centralidade da aprendizagem informal e às condições de trabalho marcadas por instabilidade e baixa remuneração, o que pode subsidiar a formulação de políticas de formação e ações institucionais por parte de federações, ligas e universidades.

Entre as limitações do presente estudo, destacam-se o uso de um instrumento autodeclarado, o que pode implicar vieses de resposta associados à percepção subjetiva dos participantes, bem como a coleta realizada em ambiente online, sem controle das condições de preenchimento. Como sugestões para estudos futuros, recomenda-se a ampliação das amostras, contemplando diferentes regiões e níveis competitivos, a utilização de métodos mistos que integrem análises quantitativas e qualitativas, bem como o desenvolvimento e validação de instrumentos específicos para avaliação da formação e atuação de treinadores, permitindo maior robustez analítica e aprofundamento das interpretações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.





- BENITES, Larissa; BARBIERI, Fabio; SOUZA NETO, Samuel. O futebol: questões e reflexões a respeito dessa “profissão”. **Pensar a prática**, v. 10, n. 1, p. 51-68, 2007.
- BOMFIM, Wagner Merida. **Perfil dos treinadores da grande Florianópolis do campeonato infantil litoral 2015 da Federação Catarinense de Futebol**. 2015. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, 2015.
- CIAMPOLINI, Vitor *et al.* Lifelong learning pathway of a coach developer operating in a national sport federation. **International journal of sports science & coaching**, v. 15, n. 3, p. 428-438, 2020.
- CÔTÉ, Jean; GILBERT, Wade. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International journal of sports science & coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.
- CÔTÉ, Jean; TURNNIDGE, Jennifer; EVANS, Blair. The Dynamic Process of Development Through Sport. **Kinesiologia slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.
- CUNHA, Gabriel Barros da *et al.* Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de futebol em função da sua experiência e nível de formação. **Motriz**, v. 16, n. 4, p. 931-941, 2010.
- CUSHION, Christopher J.; ARMOUR, Kathy M.; JONES, Robyn L. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.
- ERICKSON, Karl *et al.* Gaining insight into actual and preferred sources of coaching knowledge. **International journal of sports science & coaching**, v. 3, n. 4, p. 527-538, 2008.
- FERREIRA, Heidi Jancer *et al.* A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GAYA, Adroaldo (Org.) **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.
- GILBERT, Wade *et al.* Developmental paths and activities of successful sport coaches. **International journal of sports science & coaching**, v. 1, p. 69-76, 2006.
- GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, v. 29, p. 1-17, 2023.
- HELAL, Ronaldo. Futebol e identidade nacional. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 26, n. 76, p. 145-158, 2011.



IBÁÑEZ, Sérgio José *et al.* Avances y desafíos en la formación de los entrenadores de deportes colectivos. *In*: NASCIMENTO, Juarez Viera do; RAMOS, Valmor; TAVARES, Fernando (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis, SC: UDESC, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Conheça o Brasil**: população cor ou raça. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

ICCE. **International Sport Coaching Framework**: version 1.2. Human Kinetics, 2013. Disponível em: <<https://www.olympics.com/athlete365/app/uploads/2022/04/iscf-1.2-10-7-15.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

JARVIS, Peter. Human learning: implicit and explicit. **Educação & realidade**, v. 40, n. 3, p. 809-823, 2015.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela Borel; DE SOUZA, Letícia Carvalho. Profissionalize-se como uma garota? Efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 8, n. 3, p. 59-81, 2023.

MARTINS, Mariana Zuaneti *et al.* Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite sul-americano. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 26, n. 1, p. 143-155, 2018.

MESQUITA, Isabel *et al.* Coach learning and coach education: Portuguese expert coaches' perspective. **The sport psychologist**, v. 28, n. 2, p. 124-136, 2014.

MILISTETD, Michel *et al.* A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: Desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a prática**, v. 18, n. 4, 982-994, 2015.

MILISTETD, Michel *et al.* Sports coach education: guidelines for the systematization of pedagogical practices in bachelor program in physical education. **Journal of physical education**, v. 28, p. 1-14, 2017.

MILISTETD, Michel *et al.* Coaching and coach education in Brazil. **International sport coaching journal**, v. 1, n. 3, p. 165-172, 2014.

NELSON, Lee J.; CUSHION, Christopher J.; POTRAC, Paul. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualisation. **International journal of sports science & coaching**, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges *et al.* Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento**, v. 27, p. 1-18, 2021.

O'CONNOR, Donna; LARKIN, Paul; WILLIAMS, A. Mark. Observations of youth football training: How do coaches structure training sessions for player development? **Journal of sports sciences**, v. 36, n. 1, p. 39-47, 2017.





PASSERO, Julia Gravena *et al.* Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, RS, v. 26, p. 1-18, 2020.

RYOU, Juyoung *et al.* Am I becoming better? A life-long and life-wide analysis of sport coaches' ecological realities and (mal) adaptation in the workplace. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 17, n. 4, p. 296-312, 2025.

SANTOS, Yura Yuka Sato dos *et al.* A formação inicial de treinadores (as) esportivos no Brasil: interlocuções entre o bacharelado em educação física e em ciências do esporte. **Corpoconsciência**, v. 27, n. 1, p. 1-20, 2023.

SANTOS JUNIOR, Eugênio Lopes dos *et al.* O perfil dos treinadores esportivos de associações atléticas acadêmicas da Universidade Federal de Goiás. **Corpoconsciência**, v. 27, n. 1, p. 1-16, 2023.

SIMARELLI, Paula *et al.* O conhecimento do treinador esportivo no contexto de projetos sociais. **Journal of physical education**, v. 33, p. 1-12, 2022.

SOUZA NETO, Samuel de *et al.* A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004.

TALAMONI, Guilherme Augusto; OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva; HUNGER, Dagmar. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, RS, v. 19, n. 1, p. 73-93, 2013.

TONINI, Marcel Diego. Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores. **Oralidades**, ano 4, n. 7, p. 95-111, 2010.

Wilton Carlos de Santana

<https://orcid.org/0000-0002-8114-1723>

<https://lattes.cnpq.br/6653242661785836>

Universidade Estadual de Londrina (Londrina, PR – Brasil)

wilton@uel.br

Higor Douglas Venâncio da Silva

<https://orcid.org/0009-0006-1274-6135>

<http://lattes.cnpq.br/7049835192075431>

Universidade Estadual de Londrina (Londrina, PR – Brasil)

hdvenancio@hotmail.com





Rafael Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0001-9075-353X>

<https://lattes.cnpq.br/9154959403707180>

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC – Brasil)

r.rodrigues@posgrad.ufsc.br

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Autor 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto, administração do projeto; supervisão.

Autor 2: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

Autor 3: processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto, análise e interpretação dos dados; redação, revisão e edição.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SANTANA, Wilton; SILVA, Higor Douglas Venâncio da; RODRIGUES, Rafael. Perfil dos treinadores que atuam em competições de base da liga metropolitana de futsal. *Corpoconsciência*, v. 30, e.20262, p. 1-19, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e20262>.

Recebido em: 22/08/2025

Aprovado em: 27/05/2026

Publicado em: 03/06/2026

